

**ALGUMAS NOTAS PARA ACRÉSCIMO E CORREÇÃO À GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS RODRIGUES ALVES BARBOSA E AVELLAR E ALMEIDA, DE VASSOURAS (EM ESPECIAL A FILIAÇÃO DA BARONESA DO RIBEIRÃO).**

**Por Roberto Menezes de Moraes e Vilma Dutra Novaes.**



**Ilhas das Flores e Corvo - 1683**

Em meados do século XVIII, partiram em direção ao Brasil, saindo da freguesia de São Pedro da Ponta Delgada, da Ilha das Flores, Açores, Félix Rodrigues Alves, sua mulher Teresa de Souza Furtado, e os filhos do casal. Eles eram suficientemente jovens para continuarem a aumentar a prole no Brasil, conforme se deduz pelos assentos de batismo dos mesmos, lançados nos livros competentes da dita freguesia de São Pedro, e nos da matriz da vila fluminense de Sacra Família do Tinguá, em cujo

arredor, num local chamado de Vargem, eles se estabeleceram tão logo dos Açores chegaram ao Brasil.

Félix e Teresa teriam vindo em companhia de outros parentes ou conterrâneos. Por esta época muitas famílias açorianas vieram para regiões do sul fluminense, e diversas apareceram na zona da atual cidade de Vassouras, como as famílias do casal Manoel de Avellar e Almeida e Suzana Maria de Jesus, naturais da mesma freguesia de São Pedro da Ponta Delgada.

As famílias Coelho e Avelar, são bem conhecidas dos genealogistas ilhéus, tendo sido uma parte resenhada na obra de Victorino e Gonçalo Nemésio <sup>1</sup>, onde ao escreverem sobre a consangüinidade existente na freguesia das Lages, da Ilha do Pico, refere-se à repetição dos apelidos familiares, que no caso açoriano, muitas vezes não significa de maneira necessária, um parentesco verdadeiro, ou fácil de ser identificado: "aqui todos são Coelhos, Fragas, Pimenteis, Carneiros, Furtados de Mendonças, Avelares, Alvares, Valadões, Roiz, Lourenços e Favilas!".

Entretanto, em ano recente (2009), os genealogistas açorianos Jorge Forjaz e António Ornellas Mendes, deram a publicação, a alentada coleção **Famílias das Quatro Ilhas**,<sup>2</sup> onde os leitores interessados nas origens das famílias Avelar e Almeida e Rodrigues Alves (ou **Rodrigues Alvarez**, como lá eles se chamavam) com facilidade, ali encontrarão novos elementos e mais esclarecedores dessas parentelas quando ainda nas ilhas das Flores e na vizinha Ilha do Corvo, de onde também em gerações mais antigas estiveram a residir. Na referida obra, esclarecem os autores, que a mãe de Félix Rodrigues Alves, Maria Coelho, era nascida na Ilha do Corvo, e irmã de Joana Coelho, também corvina, e mulher de Manoel da Fraga, estes bisavós de Suzana Maria de Jesus. Importa ressaltar que aqui no Brasil estiveram estes parentes todos muito próximos, pois uma destas outras florentinas, Maria Coelha, filha da dita Joana Coelho e de Manoel da Fraga, foi casada com João Rodrigues Mathias, que ainda estava vivo no ano de 1795 em Sacra Família do Tinguá. Pois estes últimos é que foram os pais de Mariana Coelha, que com seu marido Manoel Henriques, e sua filha, a citada Suzana, mais outra irmã, Isabel Coelha, e um cunhado Manoel Rodrigues, chegaram ao Brasil em 1772, declarando estarem a vir para a companhia de um tio

---

<sup>1</sup> - Nemésio, Victorino & Gonçalo- Uma Família do Ramo Grande Ilha Terceira - Lisboa 1994

<sup>2</sup> - Forjaz, Jorge & Mendes, António Ornellas – Famílias das Quatro Ilhas (Faial, Pico, Flores e Corvo) – Lisboa, Dislivro Histórica – 2009.

abastado<sup>3</sup>, Antônio Henriques, que já vivia no Brasil. Com certeza terá sido este Henriques, o primeiro que aqui chegou e o motivo da vinda para a região vassourense, de todas as demais pessoas até aqui citadas. Manoel Henriques morreria em Vassouras em 22 de maio de 1823, com 96 anos, de "retenção de urinas". E com certeza, por continuarem a ocorrer alianças de casamentos entre os descendentes, por todo o século XIX, eles se fixaram definitivamente em Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, atraídos pelas terras férteis e devolutas, que apareciam à medida que os caminhos e picadas eram abertos. Quis o destino que o lugar escolhido pelo citado Félix Rodrigues Alves para viver com sua família fosse posteriormente o mesmo onde existe hoje a cidade de Vassouras. Porém, por motivo desconhecido, a história e a documentação existente não guardaram o seu nome como o primeiro proprietário do local, primazia que é dada ao seu filho Francisco Rodrigues Alves, que com toda certeza só estabeleceu-se ali sob a orientação e companhia do pai, mas na documentação referente ao registro das terras, a sesmaria do filho Francisco Rodrigues Alves e seu sócio Luiz Homem de Azevedo (1782) (este também açoriano, nato da freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Ponta da Ilha do Pico) procede ao registro da do pai, que é posterior (1789) <sup>4</sup>.

Ocorre, porém, que dentro do processo da medição judicial da sesmaria das Cruzes, pertencente a Bento Luiz de Oliveira Braga, existe um requerimento dirigido ao Juiz Manoel d'Andrade Barbosa Verneck, tratando de assunto referente a uma disputa de rumos de terras entre as duas sesmarias (Cruzes e Bassouras, [sic] ) onde consta o nome de diversos proprietários e herdeiros de terras da sesmaria de Bassouras, documento em péssimo estado de conservação, mas que numa parte do texto pode-se ler o seguinte "**e de outros herdeiros do finado Felix Rodrigues Alves sesmeiro de seu filho Francisco Rodrigues Alves e por elles... foi dito e requerido...**", o que nos leva a supor que a dita sesmaria de Bassouras de fato foi de Félix, mas o registro foi feito em nome do filho e do sócio, e o registro de data mais recente, possivelmente era referente a legalização de alguma outra porção de terras que eles ocupavam.

---

<sup>3</sup> - Bello, Raimundo - Emigração Açoriana para o Brasil – in Revista Genealógica Latina no.5 1953.

<sup>4</sup> - Forte, José Mattoso Maia - Memória da Fundação de Vassouras - O Globo - Rio de Janeiro 1933

Também na mesma medição judicial da sesmaria das Cruzes existe referência a um mapa, não existente mais no processo, possivelmente furtado, que indicava que cada um dos herdeiros de Félix Rodrigues Alves era proprietário de uma área de terra desmembrada daquela sua sesmaria. A medição judicial da sesmaria de Bassouras e Rio Bonito também está em paradeiro desconhecido, a qual poderia esclarecer de uma vez por todas a primazia da ocupação do solo vassourense.

Quando Félix Rodrigues Alves e sua mulher morreram também são desconhecidas as datas e mesmo suas vidas e seus vultos não deixaram maiores informes para o traçado de suas biografias, mas podemos imaginá-los como tantos outros sonhadores homens e mulheres, (jovens e velhos) açorianos, que saídos daquelas ilhas solitárias no meio do Atlântico, (em especial a do Corvo, que de tão diminuta e isolada, nos mapas antigos era referida como o Rochedo da Ilha das Flores) lançaram-se com coragem ao mar tantas vezes traiçoeiro e cruel, em busca de melhores situações do que a rotina isolada e áspera, de privações e fome, sem futuro algum que não fossem os intermináveis dias e dias enevoados, chuvosos e frios, de ventos constantes, onde lutavam como tantos outros parentes e amigos que lá deixaram para nunca mais verem ou terem notícias, para se tornarem no Novo Mundo nada diferente dos duros lavradores fluminenses daquelas épocas, acostumados também a uma luta sem trégua contra as forças da natureza, também praticamente isolados da civilização e do conforto, gente como as que Alberto Lamego descreveu: "apenas a primeira geração dos vanguardeiros derrubadores da floresta, inexperiente e desambiciosa de requinte e engrandecida somente pelo dinheiro".<sup>5</sup>

Afora das datas dos registros das sesmarias, o informe mais antigo sobre a presença dos Rodrigues Alves na região, é o relato de Eleutério Rodrigues Barbosa, de que já em 1792, seu pai Francisco Rodrigues Alves "cultivava uma horta de cafezeiros, os quais produziam o fruto apenas indispensável para o uso da família", relato este transcrito pelo Desembargador Alexandre Joaquim de Siqueira em sua Memória Histórica do Município de Vassouras <sup>6</sup>, que também relata, que a sede da sesmaria era o local (na época [1852] ) conhecido como Engenho do José Correia, "onde morou no século passado o fazendeiro Manoel Antônio de Menezes", pouco "distante do atual

---

<sup>5</sup> - Lamego, Alberto Ribeiro, ( Lamego Filho) - O Homem e a Serra- 2<sup>ª</sup> ed. - IBGE - Rio de Janeiro 1963

<sup>6</sup> - Braga, Greenhalgh H. Faria- Vassouras de Ontem – Compilação e notas de Cia. Bras. Artes Gráficas Rio de Janeiro 1975.

bairro do Madrugá". E como o café era apenas para o uso doméstico, provavelmente eles como açorianos típicos, tiravam o sustento da cultura do anil, que antes do café, era junto com a plantação de inhames e a criação de porcos uma das ocupações dos então lavradores oriundos das ilhas.

Francisco Rodrigues Alves, o terceiro dos filhos de Félix Rodrigues Alves, nasceu na Ilha das Flores, no ano de 1758, e veio para o Brasil com mais ou menos um ano de idade, porque em 1760, já encontramos o assento de batismo de sua primeira irmã nascida em Sacra Família do Tinguá.

A ele, Francisco Rodrigues Alves e seu sócio Luiz Homem de Azevedo, é que foi concedida em 5 de outubro de 1782 a sesmaria descrita como no "**sertão da serra de Sant'Anna, Matto Dentro por detrás do Morro Azul**" posteriormente conhecida por Vassouras e Rio Bonito, sendo a primeira denominação segundo rezam as crônicas, de autoria do próprio Rodrigues, por causa de uma vegetação rasteira que servia para fazer vassouras. Essa sesmaria ficava muito bem situada entre a vila de Sacra Família e o Rio Paraíba do Sul, e por isso era caminho dos tropeiros que iam em Minas Gerais pelas variantes do Caminho Novo, em direção a baixada, e para que encurtassem o caminho, quando chegavam pouco antes das cabeceiras do Rio das Mortes, eles entravam numa pequena várzea, pertencente a sesmaria de Vassouras, onde pelo decreto de 15 de janeiro de 1833 foi erigida a Vila de Vassouras.

Francisco Rodrigues Alves casou-se (ou amancebrou-se) com Antonia Barbosa de Sá, de velhíssima família carioca, de origem cristã nova, pois era filha de Francisco Marcos Barbosa casado com Mariana de Sá Barbosa, nascida em agosto de 1732, e por esta, neta materna de Brites de Sá Sotomaior e do capitão Francisco Paes Ferreira, senhor do conhecido Engenho de Guaratiba. Essa Brites por sua vez era, tetraneta por linha feminina, sem interrupção, de Isabel Pedrosa, ou Poderosa, nascida por volta de 1573, e que faleceu no Rio de Janeiro em 1672, quase centenária e "fora da cidade", e que, tinha sido casada com o cristão novo Miguel Gomes Bravo, nascido em 1563, filho de Rui Dias Bravo e Antônia Rodrigues, que segundo querem alguns historiadores <sup>7</sup>, foram acusados de judaizantes na 1ª Visitação do Santo Ofício na Bahia em 1591. Essa é uma ascendência curiosa, porque como se verá adiante, dessa união

---

<sup>7</sup> - Wolff, Egon & Frieda - Dicionário Biográfico- I – Judaizantes e Judeus no Brasil 1500-1808 - Rio de Janeiro 1986

procederam diversos titulares do Império Brasileiro possuidores de comprovado sangue cristão novo, tendo inclusive ligações com personalidades do mundo cripto-judaico carioca colonial, por serem sobrinhos do Padre Manoel da Nóbrega, o famoso "Padre Arrevesa Toucinho", e descendentes diretos das testemunhas <sup>8</sup>da famosa "Bodas de Irajá", que foi o casamento dos antepassados do poeta Antônio José, dito O Judeu, cerimônia que ao ser investigada anos depois, permitiu que a Inquisição fizesse grande inquérito, no qual foram vitimadas diversas pessoas dentre as quais o infeliz poeta carioca.

Quando faleceu Francisco Rodrigues Alves, ele foi sepultado no adro da Matriz da cidade que ergueram em suas antigas terras, conforme reza o assento;

*"Aos vinte e um de julho de 1846 nesta Igreja da Matriz de Vassouras de licença minha o Padre João Joaquim Pereira de Aguiar encomendei solenemente o cadáver de Francisco Rodrigues Alves, o qual faleceu com todos os sacramentos, maior de cem anos de idade, o qual foi conduzido em caixão fechado e teve acompanhamento de três irmandades desta freguesia e encomendações de músicas o qual foi sepultado no adro da Matriz e para constar fiz este terno em que assino O Vigário Encomendado Antonio da Costa Guimarães".*



Vila de Vassouras, circa de 1840 - gravura de Ludwig & Briggs in *Ostensor Brasileiro*.

O registro de seu casamento não existe, bem como os de batizados de seus filhos, apesar de existirem em Sacra da Família do Tinguá os livros competentes contemporâneos, o que pode ser atribuído a hipótese de o casal não possuir uma

---

<sup>8</sup> -- Dines, Alberto - Vínculos de Fogo – Cia. das Letras - São Paulo 1999

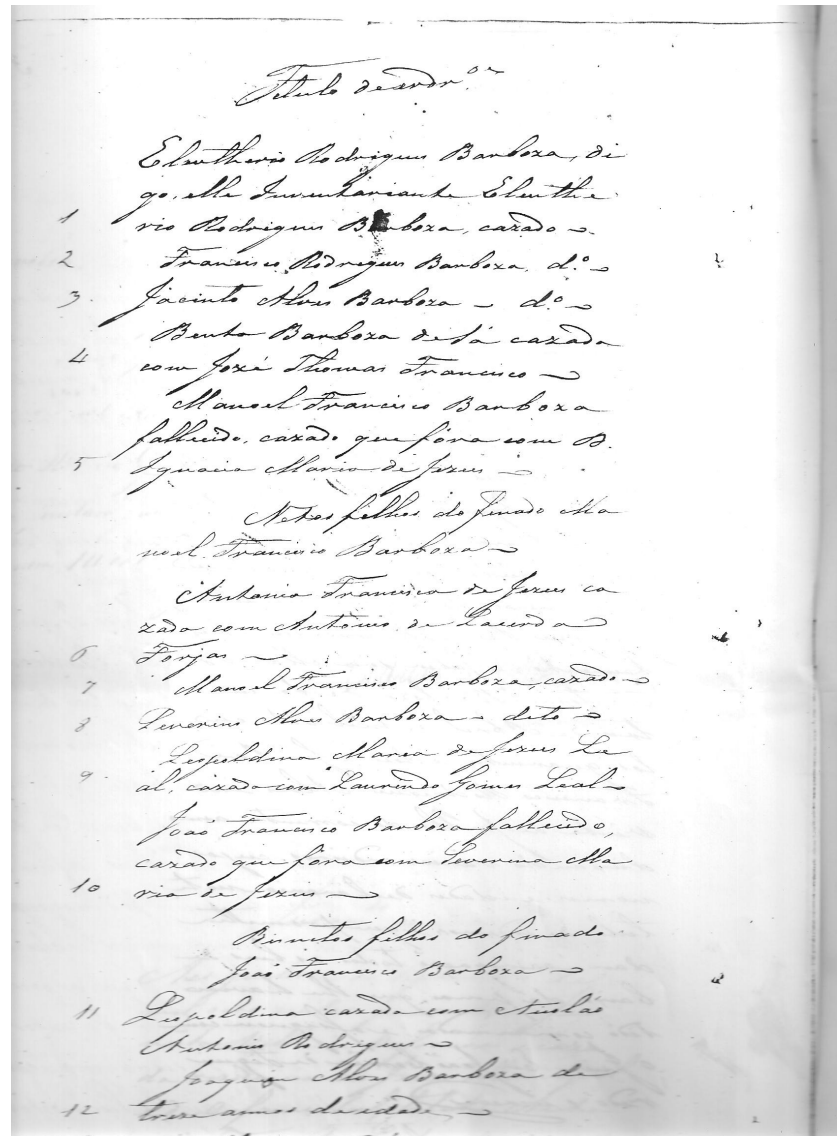
situação conjugal definida legalmente, suspeita muito forte, principalmente depois que foi localizado um assento de batizado de uma criança chamada **Benta**, nome pouco freqüente no livro de Sacra Família no período em questão, e, no termo do assento desta criança, **filha de pais incógnitos**, mas com a data do nascimento declarada como nascida em agosto de 1792, e batizada em sete de janeiro de 1793, consta que havia sido exposta em casa de **FRANCISCO RODRIGUES** (omitiram o ALVES ?), **solteiro**, sendo madrinha Antonia Francisca de Souza, mulher de José Alves Barbosa (um dos irmãos, ou parente de Antonia de Sá Barbosa ? Tudo indica que sim. ). Essa criança já seria a segunda filha do casal Francisco e Antônia, de acordo com a ordem dos filhos, como no futuro iriam aparecerem no inventário dos pais, aberto no ano de 1842. Em outras fontes aparecem às datas dos nascimentos de dois outros filhos: Eleutério, que, de acordo com seu óbito nascera em 1787, e o quarto, o futuro barão de Santa Justa, que, de acordo com a data da lápide de sua sepultura, no cemitério de São José das Três Ilhas, Minas Gerais, foi nascido em 15 de agosto de 1793. E tudo isso estaria sendo ocultado, porque existe uma Dona Antonia Barbosa de Sá, casada com Manoel da Costa, com quem teve um filho de nome Antônio, falecido com oito anos de idade em 1785. Esse fato teria sido também o fator para que os filhos e demais herdeiros esperassem por longos anos a abertura do inventário da mãe e esposa, somente depois que o pai, Francisco Rodrigues Alves, falecesse. Teriam receios que o marido meeiro (Manoel da Costa) ou seus herdeiros, aparecessem à reivindicar o que pertencia ao casal e estava de posse da mulher? Conjecturas que dificilmente serão esclarecidas, mas que explicam a falta dos documentos, os erros e hiatos na história de um dos mais antigos casais da região de Vassouras, tronco de grande e conhecida família, gerada a partir dos cinco filhos que deixaram e aparecem no inventario conjunto, guardado no Arquivo do Judiciário de Vassouras, e que são:

**1- Manoel Francisco Alves**, que casou com Inácia Maria de Jesus, de quem depois viveu separado. Faleceu em 1842 (ou 1843) em Vassouras, deixando seis filhos, sendo uma natural, havida com Mariana Caetana da Motta.

**2- Eleutério Alves Barbosa**, que foi fazendeiro em Vassouras e Santa Tereza de Valença. Casou primeiro com Maria Rosa de Jesus, filha de Manoel de Avellar e Almeida e Suzana Maria de Jesus, com quem teve 11 filhos. Viúvo casou com Maria Luiza de Freitas, em 1834, e tiveram outros 15 filhos. Foi um verdadeiro patriarca

---

fluminense. Fazendeiro em Vassouras e em Santa Teresa de Valença. Morreu em 1865, em Vassouras, onde está sepultado no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição.

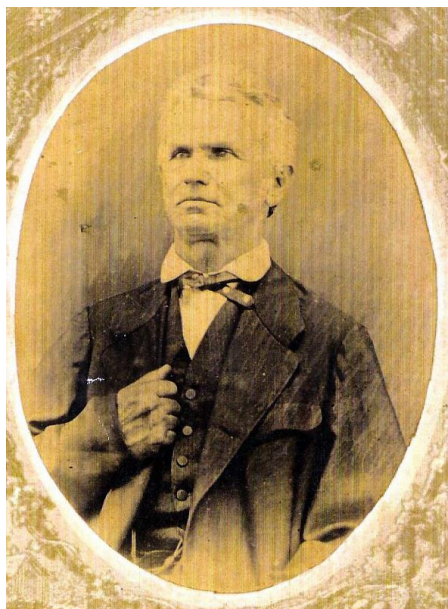


Declaração dos herdeiros - Inventário de Francisco Rodrigues Alves, não aparece a baronesa do Ribeirão.

### 3- Francisco Rodrigues Barbosa, adiante referido.

**4- Jacinto Alves Barbosa**, foi em sua mocidade tropeiro de mulas, depois tornou-se abastado fazendeiro de café, proprietário de diversas fazendas nas regiões de Santa Teresa de Valença, Paraíba do Sul e Três Ilhas, em Minas Gerais. Casou com Tomásia Maria de Jesus, filha e neta dos sócios de Francisco Rodrigues Alves na sesmaria de Vassouras. Foi o primeiro Barão de Santa Justa, e faleceu em 1872, estando

sepultado no cemitério de Três Ilhas/MG. O casal teve 15 filhos, dentre os quais os segundos e terceiros barões de Santa Justa, as baronesas de Santa Fé, de Menezes, e a viscondessa de Ibituruna.

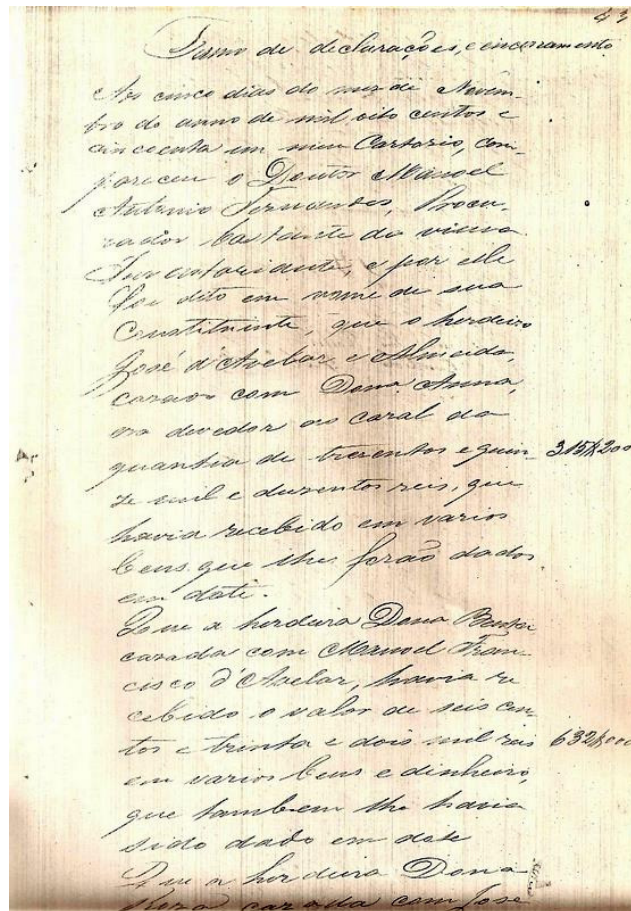


Barão de Santa Justa

**5- Benta Barbosa de Sá, (que seria a tal menina exposta em casa de Francisco Rodrigues, homem solteiro)** foi casada com José Tomaz Francisco, residiam em São José de Aquém Paraíba, e tiveram quatro filhos. Ela seria omitida e confundida em algumas genealogias e substituída pelo nome de Ana Barbosa de Sá, sua sobrinha, filha do acima citado Francisco Rodrigues Barbosa, e que foi posteriormente a Baronesa do Ribeirão, por seu casamento com José de Avellar e Almeida, Barão do Ribeirão, filho dos também citados Manoel de Avellar e Almeida e Suzana Maria de Jesus.

**Francisco Rodrigues Barbosa**, o terceiro filho acima citado, foi casado com Mariana Rosa de Jesus, filha de Henriques de Mendonça Furtado e Rosa Maria do Bom Jesus, moradores antigos da região de Sacra Família do Tinguá, e com certeza também de procedência açoriana. Com a partilha dos bens de seus pais e o conhecimento das terras férteis e desabitadas das regiões dos Rios Preto e das Flores, para lá se deslocou, com sua numerosa família, para se estabelecer na sesmaria onde fundou a Fazenda do Bananal, existente até hoje. Quando partiu, provavelmente deixou em Vassouras a filha mais velha já casada. Essa distância somada ao fato de ter o mesmo

nome do pai, o velho Francisco Rodrigues Alves, foi suficiente para que seus traços fossem apagados e confundidos, originando seu nome aparecer trocado nas resenhas e biografias de sua filha <sup>9</sup>. Mas, de acordo, tanto com o seu inventário, bem como o de sua mulher, preservados no arquivo do Cartório competente de Valença, (hoje no Arquivo Histórico do Judiciário, no Rio de Janeiro) dentre os filhos herdeiros, encabeçando as relações, aparecem o nome de **“José de Avellar e Almeida, por cabeça de sua mulher...”**



Inventário de Francisco Rodrigues Barbosa, onde no rol dos herdeiros, aparece José de Avellar e Almeida, casado com a filha Ana Barbosa de Sá.

Outro dos filhos, por conseguinte irmão da Baronesa do Ribeirão, e também pertencente ao rol dos titulares vassourenses, José Rodrigues Alves Barbosa, foi o Barão de Santa Fé, proprietário, por herança dos pais, e compra da legitima de seus irmãos, da fazenda do Bananal, que administrou durante a enfermidade do pai, que

<sup>9</sup> - Athayde, J. B. de - Os Rodrigues Barbosa – trabalho inédito datilografado ( coleção do autor).

- Werneck, Francisco Klörs, - Os Primeiros Povoadores de Vassouras e seus descendentes - doc mimeografado.

- Barata, Carlos Eduardo & Bueno, Antonio Henrique da Cunha - Dicionário das Famílias Brasileiras - São Paulo 1999.

- Fernandes, José de Avellar - Os Moraes de São Paulo- in Anuário Genealógico Brasileiro - vol.4 - São Paulo 1952

morreu demente por volta de 1850. Casou com sua prima Leopoldina Augusta Alves Barbosa filha de seus tios paternos, os Barões de Santa Justa.



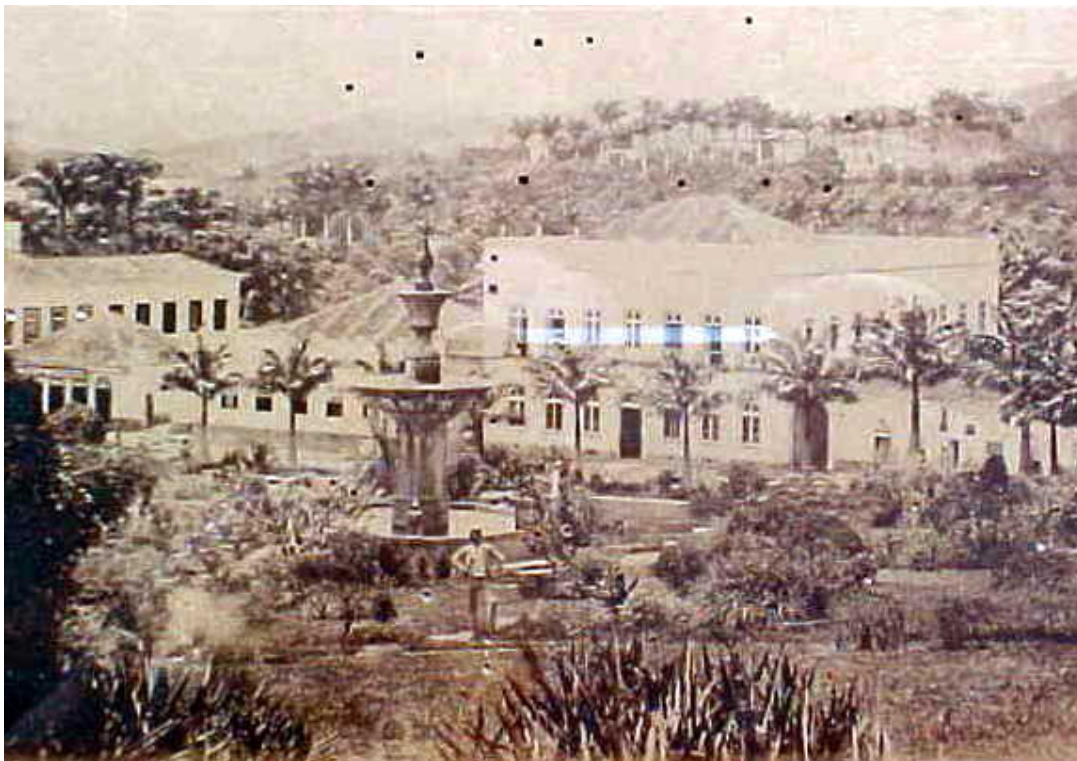
Leopoldina Augusta Alves Barbosa, Baronesa de Santa Fé.

O Barão de Santa Fé, conhecido na família como Juca, foi proprietário também da bela fazenda de São Felipe, em Três Ilhas, que lhe tocou por adiantamento da herança de seus sogros e tios. Faleceu no Rio de Janeiro em 1899, e está sepultado no cemitério de São João Batista, no bairro de Botafogo. Deixou na ocasião pequena descendência, pois muitos de seus filhos faleceram antes dele e da esposa. Sua irmã, a referida Ana Barbosa de Sá,



Baronesa do Ribeirão

Baronesa do Ribeirão faleceu em Vassouras em 1868. O Barão de Ribeirão, que idolatrava a esposa, lhe sobreviveu e veio falecer, assistido por seus filhos, na madrugada do dia 27 de março de 1874, em sua Fazenda do Ribeirão, após longa enfermidade, cujos padecimentos se diziam aumentados por causa da morte da esposa. Era então considerado um dos anciãos de Vassouras, e no seu necrológio publicado na imprensa local <sup>10</sup>, foram lembrados além de seu caráter e probidade, o fato de ser “filho de pais lavradores, na lavoura ter sido educado, e um dos que primeiro plantou café na região”. Tiveram 14 filhos e 40 netos. Dentro da cidade possuíam uma luxuosa residência para os padrões vassourenses, um sobradão confortável, em estilo neoclássico,



Sobrado do barão do Ribeirão - Vassouras, foto século XIX.

construído no local onde fora a tosca casa dos pais Manoel de Avellar Almeida e Suzana Maria de Jesus, situada ao pé da praça principal, onde a Baronesa cultivava com esmero um grande jardim de rosas, motivo de preocupações permanentes com as formigas saúvas, que achava virem somente das propriedades vizinhas... Essa residência, até dias recentes foi a sede do Fórum de Vassouras. Dentre os filhos do casal estavam os Barões de Avellar e Almeida, de Massambará e o Visconde Cananéia,

---

<sup>10</sup> O Município – Jornal - Vassouras - março de 1874

que foi quem herdou a citada residência urbana. Uma das filhas dos Barões do Ribeirão foi a primeira mulher do Barão de Werneck, tendo falecido antes da titulação do marido.

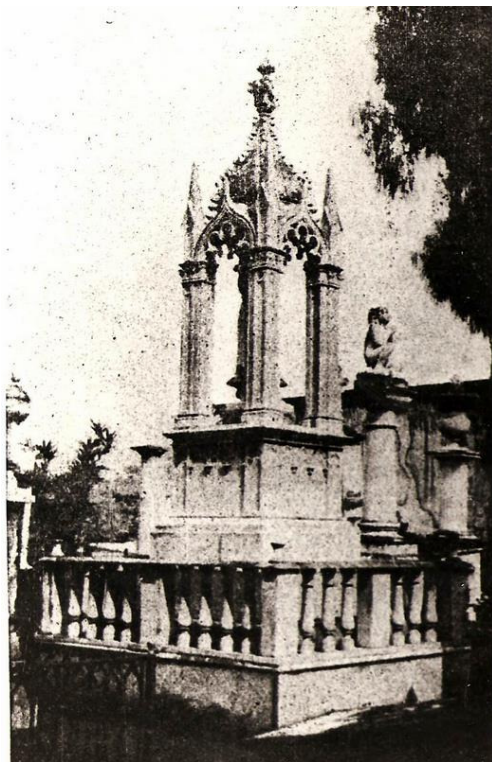


Maria do Nascimento Avellar, primeira esposa do futuro barão de Werneck.

Outra das filhas dos Barões do Ribeirão foi Porcina de Avellar e Almeida, nascida em 1838, em Vassouras, e casada em 1869 em Niterói, com o Dr. José de Paiva Magalhães Calvet. Residiram em Vassouras numa das grandes chácaras da cidade, ainda existente, e que foi a residência original dos primeiros barões do Amparo, vizinha a Chácara da Hera, na rua hoje chamada Dr. Calvet em homenagem ao esposo da "tia Porcina", que foi sogra do Ministro Raul Fernandes e gozou em vida de enorme respeito e prestígio social por ser venerada pelos seus contemporâneos como senhora das mais perfeitas virtudes e caridades cristã. Deixaram grande descendência.



O Casal Ribeirão foi enterrado no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, numa rica sepultura, branca, rendada ao estilo de um oratório gótico, com uma artística imagem de São José, em mármore, padroeiro onomástico do Barão. Essa sepultura foi destruída na queda de um cipreste por volta da década de 1930, e a imagem até alguns anos atrás estava guardada num quartinho do próprio cemitério.



Sepultura dos barões do Ribeirão - Vassouras - cartão-postal circa de 1930.

As famílias Rodrigues Alves Barbosa e Avellar e Almeida, com seus ancestrais e titulares nobiliárquicos, de acordo com estes dados, ficam então estruturadas corretamente no esquema resumido que apresentamos a seguir:

